

ENTRE A PERMANÊNCIA NO BRASIL E O RETORNO A GUINÉ-BISSAU:

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRO (UNILAB) E A UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)

SANCA, Natalé Augusto João¹
RÖWER, Joana Elisa²

RESUMO

Este artigo tem como tema a formação de profissionais Guineenses no Brasil e objetiva compreender as percepções dos estudantes Guineenses sobre a permanência no Brasil e o retorno para Guiné-Bissau após a conclusão do ensino superior. Autores que realizaram pesquisas empíricas sobre essa temática como Cá (2009), Có (2016) e Gusmão (2008) constituíram o referencial teórico. O trabalho foi realizado através de pesquisa qualitativa e pesquisa de campo. O campo de investigação foi a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Universidade Internacional da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro (UNILAB), tendo como colaboradores da pesquisa recém-formados ou no período final da graduação. Em relação aos objetivos se caracteriza como descritiva e explicativa, tendo como técnica de coleta de dados a aplicação de questionários e entrevistas. Os resultados indicam a predominância da permanência no Brasil após a formação devido a continuidade nos estudos e a falta de oportunidades de trabalho em Guiné-Bissau. A vontade de retorno e o comprometimento social com o país desses estudantes é resignificada por estes aspectos. Conclui-se da necessidade do Estado Guineense gestar programas de reinserção desses jovens a fim de garantir a qualificação dos quadros profissionais guineenses.

Palavras-Chaves: Cooperação Sul-sul; Ensino Superior; Brasil-Guiné-Bissau

ABSTRACT

This article focuses on the training of Guinean professionals in Brazil and aims to understand the perceptions of Guinean students about their stay in Brazil and the return to Guiné-Bissau upon completion of higher education. Authors who carried out empirical research on this subject as Cá (2009), Có (2016) and Gusmão (2008) constituted the theoretical reference. The work was accomplished through qualitative-quantitative research and field research. The field of research was the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) and the International University of the International Integration

¹ Autor. Bacharel em Humanidades e graduando em Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Email: sancajoao@hotmail.com

² Orientadora. Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Sociologia, Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Email: joana.rower@gmail.com

of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), having recently graduated research collaborators or the final graduation period. In relation to the objectives it is characterized as descriptive and explanatory, having as data collection technique the application of questionnaires and interviews. The results indicate the predominance of permanence in Brazil after the training due to continuity in the studies and the lack of job opportunities in Guinea-Bissau. The will to return and the social commitment with the country of these students is resignified by these aspects. It is concluded from the need of the Guinean State to develop programs for the reintegration of these young people in order to guarantee the qualification of the professional staff in Guinea.

Keywords: South-South cooperation; Higher education; Brazil-Guinea-Bissau

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender os motivos dos estudantes guineenses pela permanência no Brasil ou pelo regresso a Guiné-Bissau após a conclusão da graduação. Conhecer as expectativas depois da conclusão do curso, as percepções e experiências educativas dos estudantes procedentes da Guiné-Bissau e ingressantes nas universidades brasileiras através do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação PEC-G foram os ensejos do desenvolvimento desta pesquisa. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Universidade Internacional da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), constituíram-se como os campos de investigação.

Para a realização deste trabalho, foram construídos objetivos específicos como etapas para o alcance do objetivo geral. Assim, tais objetivos versam sobre:

1. Analisar a relação da cooperação bilateral entre Guiné-Bissau em afinidade a educação especificamente na formação superior;
2. Analisar os programas para o acesso a formação superior no Brasil identificando as atribuições do governo guineense e brasileiro no que se refere ao ingresso e permanência na instituição formadora e retorno ao país de origem;
3. Constatar o nível de satisfação dos estudantes Guineenses formados no Brasil;
4. Identificar os motivos de permanência no Brasil ou de retorno a Guiné-Bissau de estudantes guineenses no Brasil
5. Identificar esses profissionais formados nas instituições brasileiras que se encontram na Guiné-Bissau e sua trajetória profissional.

Sendo assim, foram analisadas as experiências destes estudantes em solo Brasileiro, assim como, os que já se encontram em Guiné-Bissau a procura de um emprego e das suas expectativas depois da conclusão do curso. Os assuntos mais abordados ao longo das entrevistas focalizaram-se na motivação de regresso ao país de origem ou da sua permanência no Brasil.

Este trabalho também pretende entender, através da fala dos entrevistados, como ocorrem os processos dos egressos no mercado de trabalho Guineense para identificar se há ou não um programa do Estado Guineense que auxilia no retorno destes jovens ao país de origem ao consolidarem um emprego na sua área de formação. A atualidade da pesquisa justifica-se devido as profundas mudanças na sociedade Guineense como a entrada da democracia e a realização das primeiras eleições legislativas. Por conta desses acontecimentos o país toma um novo rumo. Pós-independência o país se insere no movimento de expansão da escola pública e formação de quadro profissionais em que a Educação está relacionada com o conceito de desenvolvimento.

Durante o percurso do trabalho foram analisadas as perspectivas dos jovens estudantes oriundos da Guiné-Bissau em busca da realização de seus sonhos, as suas motivações e depois da conclusão do curso. Sendo assim, compreende-se os percursos enquanto estudantes Guineenses em deslocamento temporário da Guiné-Bissau para cá. Lembrando que a problemática gerada pelo estudo se efetivou em função de minha experiência enquanto estudante³ da Universidade Internacional da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E assim, faz-se a seguir ponderações pessoais que atravessaram esta pesquisa, levando em consideração a minha vivência durante quatro anos cá.

As vivências tanto na associação dos estudantes da Guiné como nas convivências do dia-a-dia e nas conversas que nos habituamos a ter em momentos de emoção, tristeza e remorso, a questão sobre o que faríamos depois de terminar a graduação, sempre estava presente. As respostas não eram tão diferentes dentre boa parte dos colegas. Boa parte deles pretendiam fazer mestrado depois da graduação, isso se conseguirem, caso contrário desejariam ir para Europa ou procurar outros destinos.

Outros nem pensam em continuar a estudar, mas sim encontrar um emprego cá, era a opção, principalmente para a região Sudeste do país como em São Paulo e Minas Gerais. Apenas uma pequena parcela de estudantes que pensavam num *retorno precoce*

³ Não conseguimos entrar em contato com os estudantes formados em 1994 pela UFRN, mas durante o percurso do nosso trabalho analisamos o contexto histórico da Educação entre Guiné-Bissau e Brasil.

(depois da graduação). Aqui necessita uma explicação, pois *retorno precoce*⁴ é o nome usado pelos estudantes Guineenses na diáspora para enquadrar os estudantes que retornam depois de terminar a graduação. Porque estudar no Brasil dá oportunidade para continuar a estudar, fazer pós-graduações até chegar ao Doutorado, se for o caso. Esta oportunidade de continuar a estudar ganha força aqui no Brasil pois em nem todos os países tem-se esta oportunidade. Por isso que o incentivo de continuar a estudar da parte dos jovens Guineense aqui no Brasil é forte. Este é o motivo da minha curiosidade em entender que o nosso país está perdendo seus quadros por alguma razão que ainda me inquieta a descobrir.

Portanto, vale a pena pensar e investigar as razões desta fuga dos nossos quadros. Porque trocam Guiné-Bissau por outros destinos incertos? Como filho e estudante de Guiné-Bissau isso me leva a certa preocupação. Para tanto, com este trabalho pretendeu-se encontrar respostas a estas inquietações através dos estudantes que tiveram oportunidade de vir a estudar cá e por certas razões não pretendem voltar ou tem certa incerteza profunda quanto ao seu regresso ou não. Com esta perspectiva, é possível lançar compreensões sobre consequências dos acordos destes dois países, Guiné-Bissau e Brasil. Investigar os motivos da permanência no Brasil ou do retorno ao país de origem dos acadêmicos e relacionar com os programas de inserção e atuação profissional por parte dos estudantes que se encontram em Guiné-Bissau. Procurar construir compreensões e possibilidades explicativas na concepção dos aspectos macro sociais na influência nas trajetórias individuais.

Essa situação que a Guiné-Bissau se encontra no que diz respeito a política de educação é bastante preocupante, não apenas para os filhos que lá vivem mas para qualquer indivíduo que acredita na Educação como uma perspectiva emancipatória, e também como um direito para todos. Pós a independência em 24 de Setembro de 1973 (lemnbrando que esta data da independência é considerado informal, porque os colonos Portugueses não tinham reconhecido a Guiné-Bissau como um país independente, foi reconhecido apenas um ano depois pelos colonos), um ano depois da saída dos colonos portugueses o país passou por profunda carência de recursos humanos para guiar o país,

⁴ Este conceito de retorno precoce deve-se os estudantes Guineense em incentivar seus colegas a continuar estudar uma vez que tenha essa oportunidade. Porque voltar com graduação talvez não seja uma boa ideia levando em consideração a demanda e exigência do mercado hoje em dia. A fuga de cérebros, refere-se aos estudantes Guineense que por alguma razão acabam ficando no país da formação trabalhando em detrimento do seu país de origem. Situação que por vezes são tidos como coação da sociedade ou oportunidade de emprego, segurança e liberdade etc.

porque boa parte dos quadros eram formados na área da academia militar. A alternativa, por parte do governo guineense, para transformar esta realidade foi a cooperação na área da Educação com vários países, inclusive o Brasil.

Contudo, o país passou por um ciclo vicioso de instabilidades políticas, econômicas e sociais. Essa situação levou muitos quadros que estavam se formando fora a não regressarem ao país. Muitos estudantes ingressavam nas escolas de países comunistas que tinham acordo de Educação com a Guiné-Bissau, como China, Cuba, antiga União Soviética etc. Essa necessidade de quadros não terminou por aqui, arrastou até meados de 2014, por conta disso o Diretor Geral das Comunidades, Luís Domingos Barros (2014) estava pedindo que seus quadros regressassem na intencionalidade de que todos teriam oportunidade de trabalhar para o bem da nação, o que não chegou a acontecer.

Por vários motivos esse sonho não chegou a concretizar por desconfiança dos sucessivos governos por conta do golpe de Estado. A indagação, nesse sentido, se refere a forma que o este Estado dá acesso para formação superior principalmente fora do país e não acompanha estes estudantes, sem programas de acolhimento destes ao voltarem ao país de origem. Assim, perpassam questões de tentar desconstruir/construir as formas que são concebidos os trabalhos no aparelho estatal em relação as políticas de Educação superior neste contexto de relações bilaterais.

Em minha análise pessoal como Guineense, vejo a grande desorganização do Estado Guineense na área da Educação. O país carecia de recursos Humanos qualificados em todas as áreas e instituições. Foram várias tentativas de desenvolvimento no domínio do ensino técnico e profissional, mas que não sortiram tanto efeito. Devido a cooperação com o Brasil e a recente criação da UNILAB, hoje o nosso país conta com muitos quadros formados nas instituições brasileiras. Mas o que se percebe é que esses quadros muitas vezes acabam não voltando para a Guiné-Bissau por conta de vários motivos. O mais comum, segundo as falas de alguns colegas, seria a falta de organização dos governantes em receber esses recém-formados. Situação esta que será analisada no decorrer desse trabalho.

Assim este trabalho tem sua relevância para com a sociedade Guineense, uma vez que o nosso Estado diz que está preocupado com a Educação e o bem estar do seu povo. Porque de certo modo, pode-se dizer que isto remete a falta de estrutura e comprometimento do Estado Guineense com a sua juventude. Nós, enquanto estudantes nos cabe a responsabilidade de levantar e questionar para que tenhamos pelo menos uma

estrutura que nos permita depois da conclusão do curso prestar concurso público através de editais lançados pelo Governo. Ou que haja concursos públicos mais transparentes em que todos tenham chance de candidatar-se. Lembrando⁵ que este artigo está relatando questões recentes da nossa sociedade, situação que os estudantes guineenses enfrentam hoje pós a conclusão do curso.

Contudo, tais indagações foram, de certa forma, satisfeitas com a realização desta pesquisa. As respostas dos entrevistados somadas a leitura de artigos decorrentes de pesquisas sobre esta temática, sanaram dúvidas e suscitaram outros questionamentos. Dessa forma, conseguimos, de certo modo, perceber os motivos da permanência de boa parte destes estudantes formados no Brasil. A falta de estrutura do Estado Guineense é um dos fatores mais realçados pelos nossos entrevistados, embora não possamos desprezar outros componentes que foram citados. Para tanto, consideramos a validade desta pesquisa ao conseguirmos desnaturalizar⁶ conceitos sobre a permanência dos estudantes na diáspora.

Após esta Introdução, visando contextualizar o tema, expor os objetivos e justificar o interesse na pesquisa e sua pertinência, iremos expor sobre a metodologia utilizada. Em seguida exploraremos alguns pontos relacionados ao contexto histórico de Guiné-Bissau; aos Programas Educacionais de Cooperação na Formação Superior Guiné-Bissau – Brasil; e, a Cooperação Sul-Sul. Os resultados e discussão dos dados da pesquisa serão apresentados na sequência com exposição de gráficos e relatos dos entrevistados. Por fim, apresentamos as considerações finais permeadas com outros questionamentos, com a consciência da necessidade da continuidades do desenvolvimento de pesquisas sobre esta temática e no intuito de estar contribuindo na compreensão da diáspora africana na atualidade.

1. METODOLOGIA

⁵ O Diretor-geral das Comunidades recorda que o projeto foi acordado entre a então Secretária-geral das Comunidades e o Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD) e que continua a ser uma das prioridades da atual direção para melhoria do seu relacionamento com a diáspora guineense. Disponível: <http://www.gbissau.com/2014/12/16/governo-pretende-reactivar-projecto-de-retorno-de-quadros-guineenses/>

⁶ O conceito desnaturalizar é usado por conta de que quase todos os Guineenses passam quando conseguem um bolsa de estudo. Ao conseguir a bolsa de estudo, começa ouvir desde os seus colegas, familiares a não voltar, porque o nosso país não vai mudar. Esse tipo de discurso permeia mais nas famílias de classe média (Humilde) ou seja com menores condições sociais.

O desenvolvimento de uma pesquisa nos coloca em situação de comprometimento a nos conhecer e a compreender melhor a situação que nos inquieta. Sendo assim, podemos, de certa forma, procurar soluções com base nos fatos que observamos no campo vivenciado e pesquisado. Nesta perspectiva, é que o trabalho tem como propósito compreender a situação destes jovens estudantes destas duas universidades após a conclusão do curso, suas expectativas tanto de retorno ao país de origem como de decidir permanecer no Brasil.

Rosa e Arnoldi (2006) referem-se à pesquisa como ato de investigação no qual pode-nos oferecer novos elementos ou pistas novo a respeito de uma área ou de um fenômeno em relação ao nosso ponto de partida, ou seja, o que já sabemos e temos como algo a ser pesquisado. Para Gil (1999, p.45) a pesquisa seria um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas do qual são propostos a ser pesquisadas.

Metodologicamente, a pesquisa é de abordagem quali-quantitativa, segundo Gil (1999). Em relação a sua natureza se caracteriza como uma pesquisa básica. Em relação aos objetivos como descritiva e explicativa. É descritiva na medida em que constrói dados quantitativos das trajetórias acadêmicas dos estudantes guineenses de permanência no Brasil ou retorno para Guiné-Bissau após a conclusão do curso de graduação. É explicativa ao investigar os motivos da permanência no Brasil ou do retorno ao país de origem dos acadêmicos, através de entrevistas.

A realização desta pesquisa deu-se em três etapas:

1. Uma pesquisa de caráter exploratório em que entramos em contato com essas duas universidades UNILAB e UFRN através de Portal de Acesso à Informações para obtenção dos e-mails dos estudantes que passaram nessas duas universidades. No caso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte pedimos a lista dos estudantes ingressos desde 1994 e quanto a Unilab, desde a sua criação em 20 de Julho de 2010. A maioria dos formados não retornaram⁷ ao e-mail de apresentação e solicitação de participação na pesquisa, apenas teve-se o retorno de 20 recém-formados.
2. Criação de um formulário de identificação dos estudantes desde faixa etária, etnia, sexo, estado civil, curso, tempo de duração do curso e por último o estudante poderia descrever a sua condição ou perspectiva de regressar a

⁷ O motivo do não retorno dos guineenses com mais tempo de formação no Brasil talvez deva-se por não estarem mais utilizando os e-mail os quais teve-se acesso.

Guiné-Bissau ou de ficar no Brasil e explicar o que está por detrás da sua decisão. Estes formulários foram enviados por e-mails destes estudantes/formados. Foram enviados 20 formulários apenas 12 foram respondidos.

3. Realização de entrevistas com 10⁸ guineenses. Estas entrevistas foram realizadas através de tecnologias que permitiram o diálogo a distância. Estas entrevistas foram realizadas com a gravação de áudio, que posteriormente foram transcritas. As questões das entrevistas versavam sobre o motivo da permanência no Brasil ou do retorno a Guiné-Bissau, perpassando sobre questões de trabalho, trajetórias acadêmicas, família, oportunidade de continuidade dos estudos.

O processo de elaboração dos questionários e as entrevistas levou cerca de quatro meses para recolher e compilar os dados, como tempo em que foi realizada a pesquisa. As técnicas de pesquisa utilizadas nos proporcionou a conhecer um pouco os nossos formados, partindo das suas famílias, condições sociais, econômicas e culturais. Com isso, podemos entender melhor a fala destes profissionais recém-formados, porque de certa forma, cada decisão de regresso ou não tem ligação com a trajetória deste estudante. Lembrando que todos os instrumentos de coleta de dados foram realizados com base em ferramentas da internet.

Obeservando que das pessoas que foram entrevistadas algumas já se encontravam em Guiné-Bissau, e outros ainda permanecem no Brasil fazendo Pós graduação. Foram entrevistados 10 formados sendo 5 da UNILAB e 5 da UFRN. Os que regressaram a Guiné-Bissau foram 5 formados, que contém 3 mulheres e 2 homens. Dentre esses 5 que voltaram 4 são da UNILAB, 1 apenas que é de UFRN. E outros 5 permaneceram no Brasil, alguns fazendo Pós-graduação e outros ainda esperando conseguir ingressar no programa de PEC-PG. Os entrevistados se formaram nos seguintes cursos Administração Pública, Letras e Enfermagem (UNILAB); e, Direito, Administração Pública e Gestão Pública (UFRN). *Lembrando que os estudantes que foram entrevistados destas duas univerisades formaram nos períodos de 2012 a 2018.*

2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTORICA DA REPUBLICA DA GUINÉ-BISSAU:

⁸ Duas entrevistas foram desconsideradas por falta de clareza.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA GUINÉ-BISSAU

Em 1994 se realizou as primeiras eleições na era democracia que venha a ser trabalhado alguns anos atrás na Guiné-Bissau, por conta disso, foi possível experimentar a democracia neste período. O sonho do líder Amílcar Cabral (Ex presidente do PAIGC) que veio a ser concretizado depois da sua morte. Entretanto, essa sonhada democracia se concretizou graças as lutas desenvolvidas pela sociedade civil, partidos políticos, Comunidade Internacional e do próprio PAIGC (partido que estava no poder e que tinha característica de partido Estado) e, entre outros movimentos sociais. Por conta dessas lutas foi possível o país entrar no processo de democratização e multipartidarismo que resultou nas primeiras eleições presidenciais e legislativas. AMÍLCAR CABRAL (apud Socuma 2013, p. 15) afirma: “Far-se-ão públicos os resultados das eleições gerais e nosso objetivo será informar a opinião pública mundial e todas as instâncias nacionais e internacionais a respeito desse importante acontecimento histórico da luta do nosso povo”

Com a realização das primeiras eleições legislativas no país que o partido no poder ganhou (PAIGC) e trouxe pequenas contradições no seio dos políticos Guineenses e da própria sociedade civil. Essa tensão se emergiu vendo o PAIGC mantendo no poder o mesmo presidente que chegou ao poder desde o Golpe Militar de 1980. Para tanto, os políticos que acreditavam em democracia como mais uma maneira de virar o samário político Guineense, a fim das realizações de reformas políticas, econômica e na segurança. Acreditando que se a Guiné-Bissau passasse por essas reformas atenderia os novos desafios pelo qual está enfrentando, entretanto, eles acreditam que os sonhos dos Guineenses mais uma vez foram adiados.

Em 1998 o país mergulhou num conflito político-militar de 07 de Junho, (Levantamento Militar) que durou menos de dois anos. Esse levantamento que originou na destituição do Ex Presidente da República, João Bernardo Nino Vieira, provocou uma situação que levou a um retrocesso significativo para o país. Neste período podemos ver várias relações bilaterais serem canceladas, principalmente, na área da educação. Assim, neste período o Brasil não recebeu os estudantes oriundos da Guiné-Bissau. Vale salientar que os militares se interferiram significativamente nas questões políticas e governamentais do país, motivo pelo qual este Estado passa por tensões políticas-militares até os dias de hoje, gerando grande instabilidade em Guiné-Bissau.

Para ROBERT A. DHAL (2001, p. 163):

Certas condições subjacentes (ou históricas) em um país são favoráveis à estabilidade democrática e que onde essas condições estão fracamente presentes ou totalmente ausentes é improvável existir a democracia – ou, se existir, provavelmente é precária. (...) Condições essenciais para a democracia: 1- Controle dos militares e da política por funcionários eleitos; 2- Cultura política e convicções democráticas; 3- Nenhum controle estrangeiro hostil à democracia.

Levando em consideração as palavras de Robert A. Dahl (2001), podemos dizer que a Guiné-Bissau, está de certa forma passando por essas dificuldades, vindo do outro lado ainda o poder na mão dos militares que são alimentados por políticos, ou seja, são instigados por políticos. Por conta do conflito político Militar de 07 de Junho e a destituição do Presidente da República, em 1999, o país passou por um período de transição onde Malam Bacai Sanha (ex presidente da ANP) membro do PAIGC passou a ser Presidente da República interinamente. Com a criação do Governo de Unidade Nacional, Francisco José Fadul passou a ocupar cargo de Primeiro Ministro, com o objetivo de mediar os conflitos e realizar as novas eleições legislativas. Com as novas eleições realizadas e vencida pelo Partido da Renovação Social (PRS), este fato tornou-se marco histórico na nossa democracia, porque foi o primeiro partido a vencer a eleição na era democrática tirando o PAIGC.

Em 2003 o presidente Koumba Yala (PRS) sofreu golpe de Estado. Mais uma vez houve a movimentação das entidades competentes e a sociedade civil para escolher novo Presidente da República, no qual Henrique Rosa foi escolhido como presidente interino do País. Em 2004 foram realizadas as eleições legislativas que o PAIGC ganhou com Carlos Domingos Gomes. No ano seguinte foram realizadas as eleições presidenciais, vencida por João Bernardo Vieira, que foi assassinado em 2009. No mesmo ano foi realizada a eleição presidencial que foi vencida por PAIGC novamente, com Malam Bacai Sanha como Presidente da República que faleceu em 2012 antes de terminar seu mandato por motivo de doença prolongada. Raimundo Pereira no mesmo ano foi nomeado Presidente Interino, que veio a ser destituído junto do Primeiro Ministro por golpe militar em 12 de Abril, momento que Serifo Nhamadjo assumiu como Presidente da República interinamente até a realização de nova eleição. Nesta o PAIGC voltou a ganhar na pessoa de Jomav como novo Presidente da República Guineense.

Com essa breve contextualização histórica da política Guineense, podemos de certo modo entender as razões de grande atraso no setor educativo por conta desse ciclo vicioso das instabilidades políticas e militares. Com sucessivos governos na busca do tal sonhado desenvolvimento e muitos fracassos, foram várias tentativas de criação de

cooperação a nível da Educação Superior na Guiné-Bissau. Em 1979 foi aberta a escola Tchico Té para formação dos professores de ensino secundário como bacharelado.

Em meados de 1980 com carência de quadros administradores foi aberto o Centro de Formação Administrativa (CENFA). Em 1986 foi inaugurada a Escola Nacional de Educação Física e Desporto (ENEFD). No mesmo ano com ajuda de cooperação Cubana foi aberta a Faculdade de Medicina em Bissau. Em 1990 com apoio da Faculdade de Direito de Portugal foi inaugurada uma faculdade em Bissau. Em 1998 na mesma escola foi instituído o curso de Licenciatura em Língua Portuguesa. Em meados de 2003 a 2004 a Universidade Colinas de Boé e a Universidade Amílcar Cabral entraram em plena atividade.

Apesar destas conquistas que o país conseguiu ao construir essas escolas de formação superior, ainda os estudantes que saem para estudar fora do país através dos acordos de cooperação com outros países são em números maiores. Nesta situação, a condição da educação virou um privilégio, porque apenas os filhos de pessoas de classe média e alta é que possuem condições de fazer um curso superior. Os filhos de famílias de classe econômica menos favorecidas, apenas se esforçam para tirar o 12º ano, que muitos não conseguem por conta das dificuldades financeiras. Hoje podemos dizer que o Estado Guineense é de clientelismo, em que tudo é feito na base de compromissos morais, ou seja, por trocas de favores. Durante as tensões pelo qual o país atravessa, os filhos de classe econômica desfavorável ficam sem poder estudar enquanto outros ganham bolsas, ou seja, compram bolsas para estudar no estrangeiro.

2.2 PROGRAMAS EDUCACIONAIS DE COOPERAÇÃO NA FORMAÇÃO SUPERIOR GUINÉ-BISSAU – BRASIL

Depois da independência em 24 de Setembro de 1973 a Guiné-Bissau carecia de quadros para guiar o país. De acordo com Augel (1998, p.24) o país nesta altura possuía dezessete quadros (pessoas formados) de formação média e quatorze com formação universitária. Tendo em conta esta crise de quadros profissionais, era necessário pensar numa alternativa para cumprir com os objetivos de desenvolvimento do qual originou a Luta de Libertação contra a colônia Portuguesa. Ciente desta crise, viu-se como necessária a realização de acordos de cooperação com o Brasil, uma vez que o país não teria condições necessárias para a criação de universidades públicas. Através da

cooperação com outros países, como o Brasil, os objetivos de formação superior poderiam ser alcançados.

Assim, nesta parte do texto iremos contextualizar as relações do Brasil com a África na área da educação, através de um programa do Governo Brasileiro denominado de Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG). Este programa tem como objetivo apoiar os Países em via de desenvolvimento, África e Latinos Americanos nos cursos de graduação das Instituição de Ensino Superior (IES). Segundo informações do Ministério da Educação do Brasil, a década de 60 marca o início do processo de regulamentação de estudantes estrangeiros nas IES brasileiras. O primeiro Protocolo do PEC-G foi lançado no ano de 1965 e contava sobretudo com a participação de países latino-americanos. Com o desenvolvimento deste programa e das relações entre países a Guiné-Bissau começa a participar do PEC-G no ano de 1977. O Decreto Presidencial nº. 7.948 é que regulamenta hoje o PEC-G.

O governo Brasileiro através da sua política, procurava a aproximação da cultura e política junto ao continente Africano, relações que se intensificaram no processo histórico. É necessário lembrar que depois da Segunda Guerra Mundial, alguns países da África estavam tentando se afirmar como um país/nação. E nesta altura, esses países precisavam formar quadros para colaborar com os seus respectivos países. No entanto, o Brasil era visto como ideal para essa tarefa, especialmente para os Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Portanto, com grande mobilidade dos estudantes Africanos que procuravam o Brasil para estudar, verificou-se a necessidade em criar as relações bilaterais de cooperação na educação e cultura (DJALO, 2011 apud RIBEIRO, 2007).

Em 1965, o Decreto nº 55.613 que tornou obrigatório o registro de estudantes estrangeiros beneficiários de convênios culturais é constituído do direito de ingressar nas universidades Brasileiras sem os exames vestibulares, uma vez que fazem nos seus países de origem e também são isentos de qualquer tipo de taxas escolares. Apesar de ainda neste momento a Guiné-Bissau estava na tentativa de livrar do jugo colonial do qual estava sujeito. Com a independência em 1974, o país não estava preparado para encarar novos desafios que o esperava, porque praticamente não restava nada do que se podia dizer de um país. Era como se tudo tivesse parado no tempo, pois boa parte dos quadros forma-se em área de guerrilha. Livre da colonização, era preciso formular novo sistema educativo para um novo contexto social orientado para objetivos do qual a nação Guineense acreditava, ou seja, o motivo da nossa luta, de novos ideais políticos e ideológicos. Com

esta situação o Estado Guineense percebeu o PEC-G como uma oportunidade para se erguer como um País e, se inscreveu no convênio.

Perante a precariedade da situação e as fortes pressões políticas e sociais (próprias dos legítimos sentimentos alimentados pela euforia da independência), os dirigentes políticos/governantes, inexperientes, mas fortemente motivados e decididos do ponto de vista político, enveredaram por medidas políticas que favoreceram a manutenção do velho sistema, mas com um forte compromisso político de introduzir, gradualmente, algumas reformas pontuais para não paralisar as escolas e de preparar, quanto antes, um novo projeto educativo. (FURTADO, 2005, p.2).

Pós a independência, lançou-se novos desafios para os países do ocidente, onde estes vinham mostrar interesses em ajudar a Guiné-Bissau, mas na verdade, esses projetos de crescimento tanto econômico como político não condiz com que o País se interessava na altura, ou seja, esses projetos eram importação da realidade ocidental para uma sociedade que esta tendo seus primeiros contatos com projeto de novo milênio. No entanto, podemos dizer que não estávamos preparados por muitos projetos que vinha do exterior, mas do que precisávamos nada mais é que envistir nos recursos humanos de curto a longo prazo. Porém, com intuito de procurar um novo aliado, se aproximou mais a Guiné-Bissau e o Brasil, não só pela aproximação da língua, mas sim, contavam também com interesses mútuos. A Guiné-Bissau de um lado na procura de ascensão política, e do outro lado o Brasil na tentativa de reaproximação política e cultural com a África.

A independência trouxe novos desafios, no qual o Estado Guineense precisava para seu país recém-independente. Com o decreto nº 15/1976 publicado em Abril de 1976, no Boletim Oficial, número 17, permitiu à Guiné-Bissau fazer acordos bilaterais com alguns países, a fim de enviar mais jovens guineenses para formação no exterior. Assim o Brasil abriu a sua embaixada na Guiné em 1975. Entretanto, foi nesse período que esses dois países assinaram acordos bilaterais na área científica e cultural, que permitiu a vinda dos estudantes Guineense para o Brasil através dos Programas de Convênio do PEC-G e PEC-PG (MANDAU, 2009, p.48).

2.3 COOPERAÇÃO SUL-SUL

A criação desta cooperação trouxe novos desafios internacionais para estes países em via de desenvolvimento, que de alguma maneira passaram por experiências semelhantes, ou seja, que sofreram invasão ocidental. No entanto, ela baseia-se da

tradicional cooperação, onde os países desenvolvidos do hemisfério Norte apoiam os países do hemisfério Sul. Em busca da ascensão internacional, ou seja, de um espaço de diálogo com outros países, percebeu-se que era necessário fazer parte de uma organização internacional cujos objetivos eram semelhantes. Para tanto, esta cooperação Sul-Sul, premeia esses desafios, que não se limitaria apenas em desenvolver o país, mas também vai discutir a forma de produção de conhecimento através das epistemologias do Sul.

Sendo criado como uma forma de apoio ao desenvolvimento, de criação ou de fortalecimento de atos políticos, econômicos ou culturais. As áreas de atuação desta cooperação são: cooperação técnica, ajuda humanitária, contribuições a fundos multilaterais, operações de paz, educação. Para desenvolver este trabalho iremos focalizar a cooperação na área de educação entre Brasil e África. Este trabalho centra-se nas estratégias do Brasil como principal fornecedor desta cooperação na área de Educação, analisando suas tendências gerais agendas e atores, que visa contradições nesses espaços de jogo político que gera contradições entre interesses públicos e privados.

A educação superior que o Brasil leva aos outros países, sobretudo à África, as concepções, políticas e ações que movem os projetos Brasil-África no campo da Educação Superior, a concepção de desenvolvimento econômico, humano, social que orientam as propostas de internacionalização da Educação Superior a partir dessas iniciativas e a finalidade dessas propostas; e os interesses que mobilizam o Brasil em direção aos investimentos na política externa com a África e os interesses africanos.

Santos (2010) considera esta cooperação como:

O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceções como, por exemplo, da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). (SANTOS, 2010, p. 12-3).

Cooperação criada para os países emergentes do Sul, mas como podemos ver, muitos países do Norte em vias de desenvolvimento fazem parte de lotes de países desta cooperação. No entanto, não se exclui a possibilidade de que países do Norte, organizações internacionais não-governamentais ou da sociedade civil, possam tomar parte nestes acordos. Observa-se, no contexto político internacional atual, que as parcerias

entre países em desenvolvimento têm sido cada vez mais frequentes. Países com realidades culturais, históricas, linguísticas e sociais mais próximas tendem à aproximação, com o intuito de unirem forças nos fóruns multilaterais para influenciar a agenda e a tomada de decisão global. Neste sentido, as políticas externas destes países têm sido redirecionadas para a cooperação Sul-Sul.

Mais de dois séculos os conhecimentos do ocidente vêm sendo vistos como a única forma de produzir conhecimento. Contudo, o professor Boaventura de Sousa Santos (2010) traz seu conceito de Epistemologia do Sul, em que pressupõe uma ideia fundamental de que todos os conhecimentos são incompletos. Assim, para renovar os conhecimentos temos que fazer complementaridade do próprio conhecimento. Um diálogo entre conhecimentos que significa o diálogo que procura transformar aquilo que são diferenças verticais (conhecimento do ocidente) em diferenças horizontais.

Estes tipos de conhecimento são das universidades, e do centro das investigações do Norte, em muitas situações se impõem universalmente como conhecimento mais completo. Mas para Santos (2010) a diferença que existe entre esses conhecimentos foi a capacidade de se globalizar. Entretanto, os conhecimentos do Norte deveriam abrir-se para outros tipos de conhecimento, uma vez que este não é de verdade absoluta. Um dos desafios que o autor vai propor, ou seja, chamando atenção para repensarmos os conceitos que utilizamos, porque cada conceito visibiliza e esconde processos e dinâmicas.

“Nenhum tema é tão capaz de unir e transformar um país quanto a educação”, ressaltou o então Presidente Brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, em uma das suas visitas a Moçambique em África em 02 de Novembro de 2003. Foi onde a ideia de criação de uma Universidade Pública em base de cooperação solidária se tornou uma realidade, junto aos países que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Em 2008 começaram as primeiras movimentações da comissão dentre países parceiros. Foram dois anos de articulações, planejamento institucional, administração pessoal, patrimônio, orçamento e finanças, etc. Durante todo esse período foram assinados acordos dentro e fora do Brasil, foram analisadas propostas e diretrizes por entidade vinculadas ao desenvolvimento superior da educação.

Em 20 de Julho de 2010 saiu o decreto do Presidente da República que sancionou a lei nº 12.289 instituindo a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como Universidade Pública e Federal, presidida sob Reitor pro tempore Paulo Speller. Por conta dessa nova cooperação solidária na área da educação entre Brasil e CPLP, possibilitou não só a Guiné-Bissau como também países que fazem

parte desta comunidade que são: Angola, Brasil, Cabo-Verde, Moçambique São Tome e Príncipe, Portugal e Guiné-Bissau, contando com a participação de Timor Leste que é um país da Ásia. No caso de Portugal, apesar de estar presente no projeto desde sua criação, e ainda até hoje se compromete em participar de algumas reuniões das diretrizes, não indicou ainda seus estudantes para ingresso na UNILAB, como era previsto no próprio projeto da criação desta universidade.

Uma das pautas deste projeto se baseia nas representações de avanços de políticas Brasileiras de cooperação e de internacionalização do Ensino Superior, perspectivando a hegemonia do Brasil com a proposta de comunidade internacional. Sendo assim, este projeto permitiu a vinda de números maiores de estudantes Africanos principalmente da Guiné-Bissau para cá em relação ao projeto anterior de PEC-G e PEC-PG. Hoje a UNILAB concentra mais números de estudantes Africanos, mais que quaisquer outras universidades públicas federais Brasileira, ou se nos permitem a ousadia de afirmar que não há outra universidade nos dias de hoje com números de estudantes Africanos de comunidade de CPLP como a UNILAB. Segundo dados da Diretoria do Registro e Controle Acadêmico D.R.C.A, esta instituição conta com 2011 estudantes da comunidade da CPLP incluindo Timor Leste. A Guiné-Bissau conta com 622 estudantes ativos até o período do primeiro semestre de 2018.

Para se inscrever nesta universidade os candidatos devem fazer inscrição no seu país de origem, onde passam por uma seleção. Com a vaga deferida, o candidato deve apresentar os documentos como: certificados de 10º, 11º, 12º e declaração de 12º e todos esses documentos devem passar e levar carimbo do Ministério de Educação e do Ministério de Negócios Estrangeiros do país de origem. E são permitidas a inscrição apenas aos estudantes a partir dos 18 anos de idade ou que irão completar 18 anos até o período do ano letivo. Ao candidato nesta circunstância será exigido mediante a embaixada uma declaração dos seus pais ou de encarregados da educação. Ao chegar no Brasil estes estudantes não precisam mais de qualquer teste para ingressar na universidade e são isentos de qualquer taxa para a realização da inscrição. Lembrando que a UNILAB é uma universidade que necessitaria da residência estudantil, mas por conta de atrasos estas obras se encontram ainda em construção. Mediante esta situação, os estudantes Africanos não só como Brasileiros e Timorenses podem se candidatar ao auxílio tanto de Moradia como de Alimentação. Embora existam outros auxílios e Bolsas de Iniciação Científica (BIC) que dão a possibilidade de concorrer.

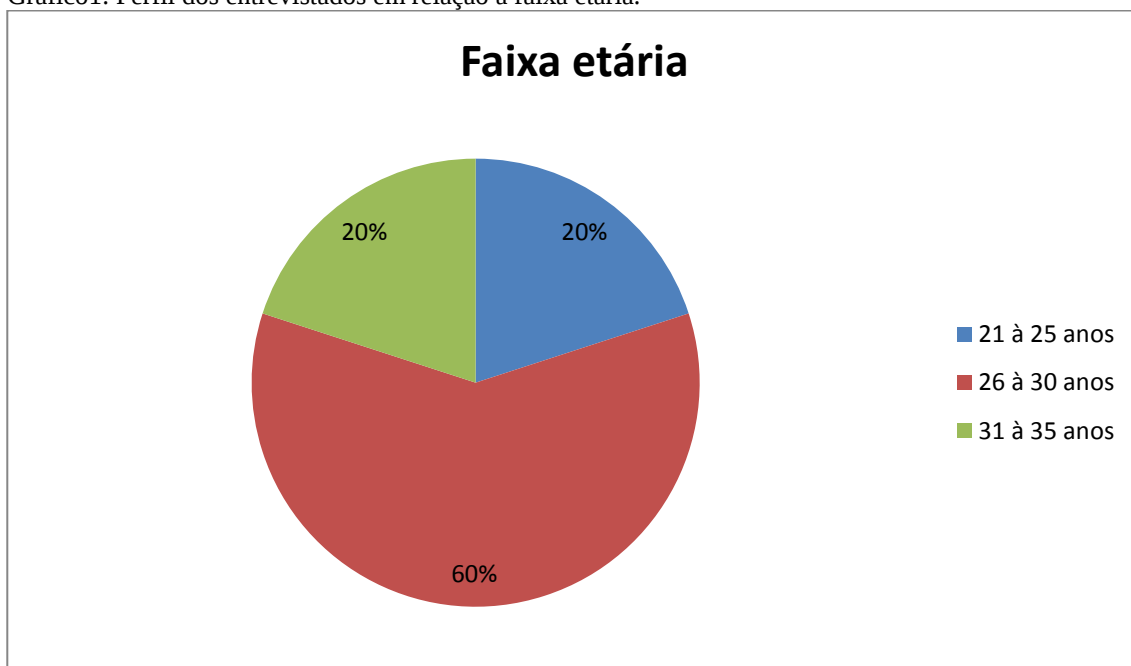
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento deste trabalho foi possível a realização de 12 entrevistados destas duas Universidades: Universidade Internacional da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro (UNILAB) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na primeira fase, foi contruído e aplicado um questionário constituído de questões objetivas e dissertativas.

O objetivo deste questionário foi o de identificar o perfil dos estudantes entrevistados⁹ e começar a compreender os seus percursos académicos. Lembrando que algumas dessas pessoas entrevistadas já se encontram em Guiné Bissau e ademais se permaneceram no Brasil fazendo Pós-Graduação e outros ainda se tentam encontrar. Os entrevistados que já se encontram em Guiné-Bissau são: 03 da UNILAB e 01 de UFRN. E os que permaneceram no Brasil são: 09 estudantes da UNILAB e 11 de UFRN.

Da aplicação e análise dos dados foram elaborados gráficos sobre o perfil dos entrevistados:

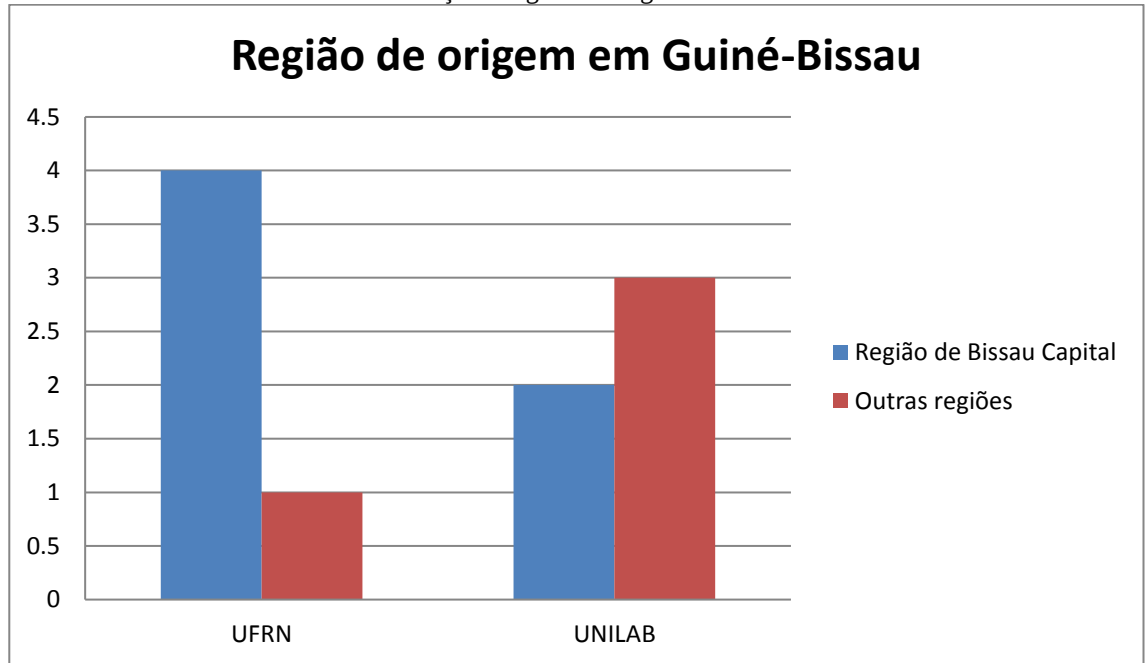
Gráfico1: Perfil dos entrevistados em relação a faixa etária.



Fonte: Elaboração própria.

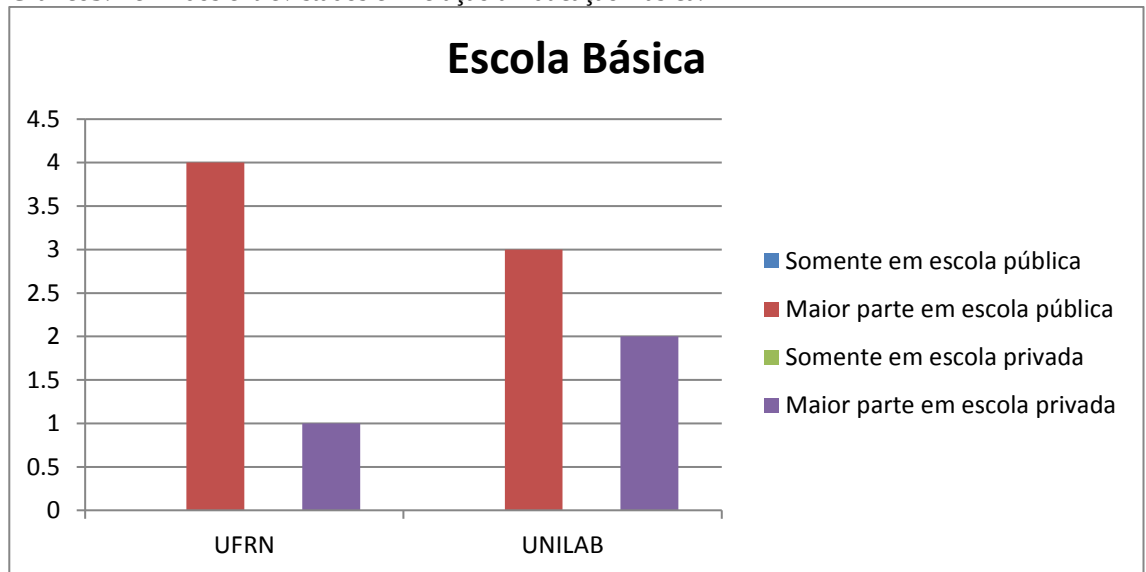
⁹ Importante demarcar que consideramos estes dados somente como o perfil dos entrevistados e não de forma generalizada dos estudantes guineenses nestas duas IES.

Gráfico2: Perfil dos entrevistados em relação a região de origem em Guiné-Bissau.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico3: Perfil dos entrevistados em relação a Educação Básica.



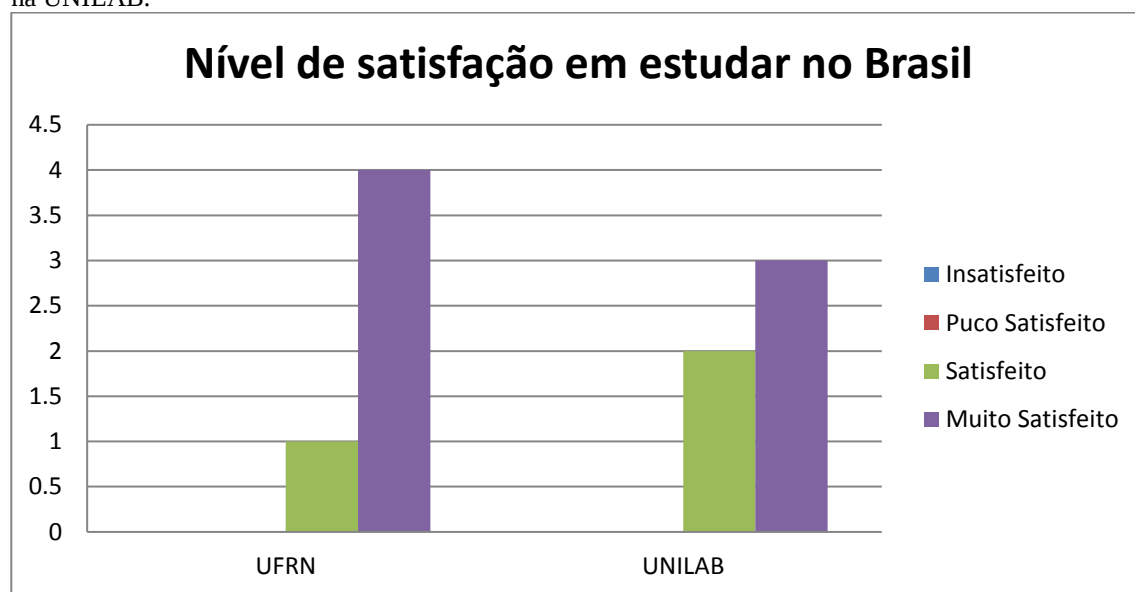
Fonte: Elaboração própria.

Os primeiros dados dos entrevistados revelou que a maioria desses jovens está na camada dos 26 aos 30 anos, o que indica que estão apenas na fase inicial das suas carreiras acadêmicas e de atuação como profissionais da sua área. Considerando a situação da Guiné-Bissau no que diz respeito a Educação de Base, podemos perceber que boa parte destes jovens estudaram na maior parte do tempo de suas trajetórias escolares em escolas públicas, o que remete a pensar a respeito das suas situações econômicas e sociais, sendo provenientes do que hoje constituem a classe média baixa em Guiné-Bissau. Na UNILAB

encontrou-se um percentual maior de estudantes provenientes de outras regiões da Guiné-Bissau, enquanto que na UFRN houve o predomínio de estudantes da região de Bissau. Contudo, somando as duas instituições há o predomínio de estudantes provenientes da capital do país, o que leva a refletir sobre a necessidade de programas de ingresso ao ensino superior e de intercâmbios terem maior alcance no inteiro da Guiné-Bissau.

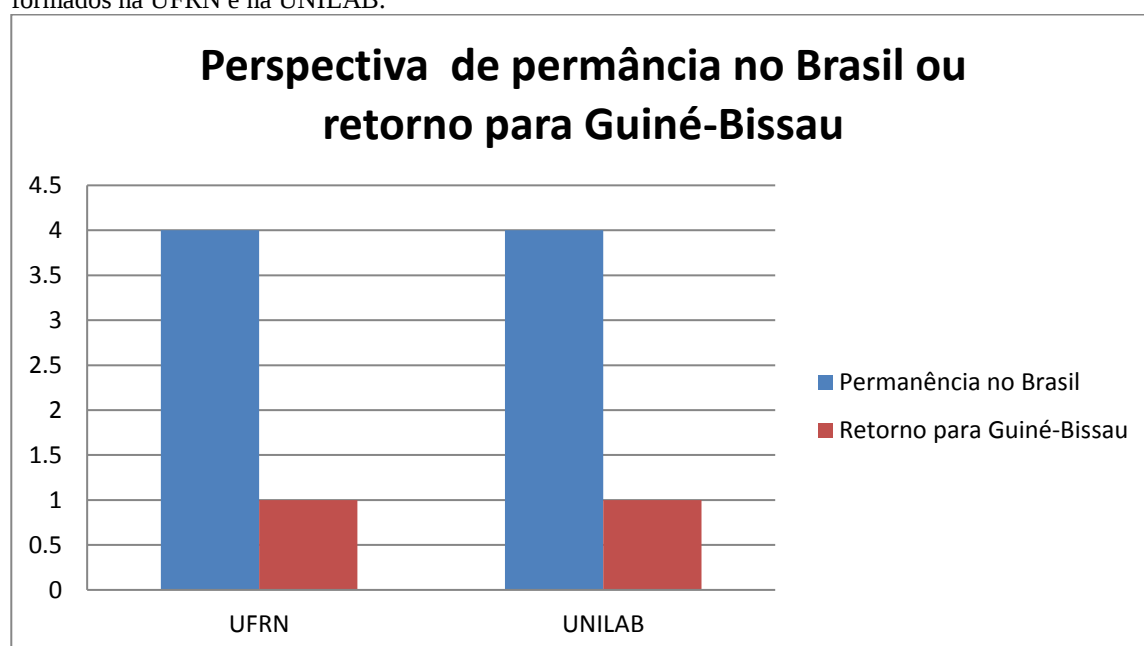
A seguir, encontram-se os dados sobre o nível de satisfação em estudar no Brasil e as perspectivas de permanência no Brasil ou retorno para Guiné-Bissau.

Gráfico4: Percepção do nível de satisfação dos estudantes Guineenses em estudar na UFRN ou na UNILAB.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico5: Perspectiva de permanência no Brasil ou de retorno a Guiné-Bissau dos estudantes formados na UFRN e na UNILAB.



Fonte: Elaboração própria.

Segundo as informações que podemos ver no gráfico percebemos que os estudantes avaliam positivamente a formação realizada no Brasil estando satisfeitos ou muito satisfeitos. Estes dados também influenciam na vontade de dar continuidade aos estudos e permanecer no Brasil. Contudo, se houve diferenças entre a proveniência da região, de escola básica e do nível de satisfação em estudar no Brasil entre os entrevistados da UFRN e da UNILAB, a questão sobre a permanência no Brasil ou retorno para Guiné-Bissau ficou equiparada. Dos cinco entrevistados de cada IES quatro de cada instituição assinalaram a perspectiva de permanência no Brasil. Os entrevistados quando interrogados de forma objetiva sobre os motivos pela permanência no Brasil ressaltaram a (1) continuidade nos estudos; (2) realização pessoal; (3) perspectiva de atuação profissional; e (4) comprometimento com o social. Dos motivos do retorno a Guiné-Bissau sobressaíram-se os aspectos de (1) comprometimento com o social e (2) realização pessoal.

Quando analisadas as falas dos entrevistados os seguintes aspectos da permanência no Brasil foram levantados: (1) desejo de dar continuidade aos estudos no Brasil; (2) falta de estrutura do Governo Guineense em criar condições de retorno; e (3) por questões familiares (cônjuges e/ou filhos nascidos no Brasil). Compreendendo o que os próprios estudantes guineenses da UNILAB falam de um retorno precoce ao país de origem ao término da graduação, sem a realização de cursos de pós-graduação, é possível relacionar o desejo de continuidade nos estudos com o comprometimento com o social que ganha destaque com os estudantes que visam o retorno. Dar continuidade aos estudos no Brasil não significa, assim, a falta de comprometimento com o país, mas a compreensão de estar mais preparado academicamente para retornar e colaborar no desenvolvimento do próprio país.

Contudo, a falta de condições seria a falta de oportunidades de emprego ou que haja concursos públicos em que todos recém-chegados pudessem ter pelo menos essa experiência de se inscrever nos editais lançados pelo Governo. Por falta destas oportunidades, alguns estudantes realçam a dificuldade de encontrar emprego, por isso, muitos apostam em continuar estudando aqui enquanto haja oportunidade de estudo ou de emprego. Apesar de toda essa dificuldade e falta de estrutura para seu retorno, ainda se percebe a vontade destes estudantes em dar sua contribuição ao seu país. O sentimento de obrigatoriedade de retorno ao país para colaborar na construção do mesmo é o que motiva a não permanência no Brasil.

Mediante todas estas situações e peculiaridades destes formados Guineenses, podemos de certa forma entender o maior problema dentre a maioria dos aspectos que se apresentam em comum, que seria a falta de estrutura e oportunidade de empregos no seu país de origem. Segundo Barnabé A. Có (Có, 2016, apud Ana Bernard Costa 2009, p.15) o que resulta dessa fuga de intelectuais Guineenses remete à procura de melhores condições de vida ou trabalho em si, já que seu país de origem não cria essa condição de retorno, no entanto a procura de países mais desenvolvidos se torna mais viável.

Para Gusmão (2008):

A instalação das primeiras embaixadas no continente africano, na década de 1960, permitiu que o Brasil estabelecesse acordos de cooperação cultural e técnica com alguns países da África Subsahariana. A partir daí se inicia a emigração estudantil para o Brasil. O primeiro grupo de estudantes africanos veio ao Brasil na década de 1960 e era constituído por 16 estudantes do Senegal, Gana, Camarões e Cabo Verde. Entretanto é com a implementação do PEC-G nos finais dos anos 70 que a presença dos estudantes africanos nas universidades brasileiras se tornou significativa. Trata-se de um período que a universidade e pesquisa se consolidam no Brasil e os PALOP conquistam suas independências nacionais. (MUNGOI, 2006 apud GUSMÃO, 2008, p.5-6).

No caso específico do Brasil e Guiné-Bissau no que diz respeito as relações bilaterais, especificamente, na área de Educação, desde 1974, pós a independência da Guiné Bissau, o Brasil foi um dos primeiros países a reconhecê-la como um país independente. Desde então houve a criação de cooperações bilaterais, principalmente na área da Educação. Os primeiros estudantes de Guiné-Bissau chegaram no Brasil em 1976 de acordo com documentação do Itamaraty. De 1986 para 2009 já havia mais de 1.213 estudantes no convenio PEC-G. O objetivo desta cooperação nada mais é que colaborar com este país jovem na sua ascensão na formação de recursos humanos do qual se carecia bastante. Por conta desta cooperação hoje é notável que grande parte dos intelectuais na sociedade Guineense formaram-se nas Universidades Brasileiras. Embora não se possa deixar de notar que os números expressivos dos estudantes que permanecem no Brasil são muito maiores em relação aos que voltam.

No contexto dessa pesquisa, não cabe a crítica as escolhas individuais desses jovens estudantes, mas a compreensão de que há diversos fatores condicionantes em torno da resistência dos cidadãos (principalmente da Guiné-Bissau) em retornarem. Dentre eles, citamos os de maior preponderância: os políticos e econômicos. Quanto ao primeiro fator, se perpetuou uma crise de legitimidade, de liderança política e uma representatividade praticamente inexistente. A contínua precariedade e fragilidade institucional constituem

traços típicos de um retrocesso sem precedentes -, sem precedentes em relação aos modelos de governabilidade que se vê em vários países pós-consolidação do Estado Democrático de Direito e auto determinável.

A engrenagem político-estrutural ainda é extremamente rudimentar por lá. Em relação a questões de ordem econômica, a sintomática recessão sempre resultou da ausência de comprometimento sociopolítico e ético da dita “classe política”. Pequena reflexão: não há esperança onde se cultiva abismo. Por essas outras razões, o referido status linear acaba afastando uma grande massa intelectual da ideia de retorno para participar na construção de um Estado sério, mas governado num circo. O que desperta a meu humilde ver, o propósito de uma gama de acordos avançados no quadro educacional com alguns países, especialmente o Brasil.

Considerando esses fatores como foram elencados pelos nossos irmãos Guineense, de certo modo nos leva a pensar e analisar através das suas falas esta situação. Para tanto, uma vez que, nosso governo não toma a iniciativa de criar pelo menos uma política de apoio a recém-formados junto do governo Brasileiro, o regresso destes estudantes, vai continuar a ter fuga dos formados no País, e o nosso sonho de desenvolvimento vai se adiando a cada dia. De outro lado, terão países que felizmente vão ganhar com isso, no caso do Brasil não pode deixar de notar hoje números de professores Guineenses nas universidades Brasileiras, os médicos, enfermeiros que vieram para cá estudar e um dia voltar a ajudar seu país de origem, mas que pela situação do qual se encontra nosso Estado, está ficando cada vez mais difícil destes jovens regressarem.

Entretanto, iremos abordar algumas falas das nossas entrevistas, lembrando que os estudantes que fazem parte desta pesquisa alguns já se encontram em Guiné-Bissau e outras permanecem aqui no Brasil. As falas tornam-se essenciais para construir possibilidades de respostas as questões desta pesquisa.

Eis a fala de Ligia, estudante de UFRN formada em Gestão publica (retornada):

Sempre quis fazer faculdade independentemente de ser no Brasil ou em qualquer outro canto... Eu já fui pensando que se eu terminar tudo que tenho que fazer no Brasil voltaria para casa, então voltei, voltei e estou aqui correndo atrás de algo, vê se sai um emprego, eu estou procurando universidade, quero muito dar aula aqui é uma coisa que trabalho todos os dias, e também conseguir algo fora de academia.

Thaysa, formada em Administração Pública pela UNILAB (retornada):

Em primeiro lugar a motivação de ir estudar no Brasil primeiramente foi a língua portuguesa que nos une como sabem... A minha perspectiva foi determinada desde início, quando terminei o curso, diria que vou volta para meu país (Guiné-Bissau), dando a minha contribuição, para o desenvolvimento sustentável que mais precisa, porém sei que de forma direta e indireta posso fazer algo que vai ter um benefício enorme, e que nunca posso de deixar sonhar no mais alto nível.

Malam, formado pela UFRN formado em Direito (não retornado):

Cheguei o Brasil em 2005 por intermédio de PEC-G, em 2010 terminei o curso em virtude de instabilidade política no meu país, resolvi qualificar em 2011 fiz pós graduação (especialização), 2014 mestrado, retornei para meu país sem sucesso de emprego e constante instabilidade política, retornei para Brasil onde trabalhei dois anos e 2017 entrei para doutorado...

Rogério, Licenciado em Letras pela UNILAB (retornado):

Primeiro gostaria de agradecer por ter me convidado a ser um dos seus entrevistados para o seu trabalho de conclusão do curso... a motivação de estudar no Brasil, posso dizer que a minha maior motivação residia na crença de que tendo uma formação superior de qualidade estaria preparado para ajudar ou contribuir para o desenvolvimento do meu país. Sendo professor, seria uma oportunidade que me levaria a ter o contato direto com a sociedade através dos cidadãos em escolarização. Até porque, o sistema de educação precisa de jovens de formação de qualidade, e, como jovem, a minha contribuição teria sido de grande valia para a nação guineense. O meu regresso O meu regresso para a Guiné-Bissau após cinco anos no Brasil, tem sido sustentado por vários fatores e entre os quais, alguns são mais importantes. Entres estes, visitar a família, voltar e vivenciar, acompanhar o andamento da minha sociedade e ajudar no que puder como forma de dar minha contribuição como formado em letras. Porque, não teria conseguido ficar no Brasil depois de cinco anos de curso sem ter voltado para redefinir a minha trajetória acadêmica através de observação da realidade...

Segundo as falas dos nossos entrevistados po¹⁰ demos de certa forma ver e perceber a vontade que lhes movem de apoiar, de contribuir para desenvolvimento do seu país, mas parece que lhes faltam algo ou alguma coisa que extrapola suas vontades. A falta de comprometimento do Estado Guineense em criar uma estrutura do qual estes jovens recém-formados possam dar suas contribuições.

Depoimento de Milito (não retornado) estudante de Letras UFRN

Eu acho que a Guiné-Bissau tem mais quadros formados fora do os que estão lá, eu não posso voltar agora, porque sou primeiro filho e pretendo trabalhar um pouco na Europa para ajudar a minha família, sabemos que salário lá é uma... os que estão voltando deve ser que lhes prometeram o emprego.

¹⁰ Tendo em conta a privacidade dos nossos entrevistados, preferimos usar nomes feitiços durante a explanação das suas falas.

Tchuda, formado em Enfermagem UNILAB (não retornado)

Antes de vir para cá estudar, sabia dessas situações, porque vejo manos do meu bairro que voltaram de estudar e não conseguiram emprego ou procuram trabalhar nas outras áreas não de formação. Para ter emprego na Guiné a pessoa precisa de ter um bom padrinho ou o seu sobrenome significa alguma coisa. Sou de família humilde, não tenho esse privilégio. Pretendo ficar aqui enquanto procuro mestrado vou me trabalhando e apoiar meu irmão para vir estudar aqui também...

Perante esses discursos, entendemos que apostar na educação básica e superior é uma emergência para o desenvolvimento deste país, mas infelizmente não criarmos tais condições para que estes formados sejam aproveitados em prol do desenvolvimento da Guiné-Bissau. Sendo assim, estamos vendo nossos jovens formados espalhando-se por diversos países em procura de melhores condições de vida do qual um dia a Guiné-Bissau não lhes prometeu como arma para sua liberdade, tanto econômica assim como social.

Segundo Teta (2009), o ponto de partida para o desenvolvimento do ensino superior é o docente. Urge criar condições para que os docentes estejam motivados para os desafios de desenvolvimento do ensino superior. Um docente desmotivado é o adiamento do futuro de um povo, de uma nação, enfim, do planeta. A compreensão das falas dos nossos entrevistados e analisando a fala de Teta (2009), podemos, de certa forma, entender o desânimo dos nossos formados em relação ao seu país, para onde almeja-se tanto dar sua contribuição enquanto acadêmico e profissional. Mas, infelizmente, por conta desses entraves que foram elencados pelos entrevistados, torna-se difícil a realização deste sonho. Motivo pelo qual alguns procuram outros caminhos cabíveis para ajudar suas famílias. Embora tenhamos outros estudantes que por algumas razões ignoram estes fatos ou as dificuldades que outros veem como motivo de não regresso e usam como inspiração para voltar a fim de dar sua contribuição e tentar mudar a situação do país. Porque acreditam que só assim que poderemos transformar, encarando não fugindo da nossa realidade. “Se não mudamos a Guiné-Bissau, ninguém mudará por nós”, como dito por um dos nossos entrevistados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas falas dos nossos entrevistados e no referencial teórico tivemos uma compreensão no que diz respeito a realidade dos estudantes Guineenses formados no Brasil na sua condição de permanência no solo Brasileiro ou do seu regresso a Guiné-Bissau. Considerando tais situações, procuramos de certa forma fazer um diálogo com alguns autores que já trabalharam temas semelhantes. Situação que nos leva a compreender estes jovens e não julgá-los ou criticar suas escolhas.

Verificamos através da aplicação de questionários e realização de entrevistas com recém-formados da UFRN e da UNILAB que confirmam a predominância da permanência destes formados no Brasil. Os principais aspectos da permanência no Brasil se refere a continuidade nos estudos e a falta de oportunidade de emprego no país de origem. Nesse caso, muitos acabam procurando uma forma de permanecer no Brasil, seja através de continuidade nos estudos outros ou trabalho e a constituição de família no Brasil.

O resultado deste trabalho despertou-me atenção em relação ao nosso dia-a-dia aqui na UNILAB enquanto estudantes internacionais. Dentre muitos estudantes da Guiné-Bissau que cá estão, costuma-se ter um projeto muito longo de estudo, e ao fazer estas entrevistas o que me vem a mente não é simplesmente a vontade de estudar que motiva boa parte dos jovens Guineenses, apesar do Brasil nos oferecer essa opção. Mas boa parte deles remete a essa falta de estrutura e desconfiança em nosso governo por conta dos sucessivos golpes e mudanças no Estado.

Essa falta de confiança no Estado Guineense proporciona a fuga dos intelectuais que poderiam ajudar o país a crescer como tal havia sido o pensamento como vias para desenvolvimento. Como esse trabalho remete as duas Universidades Federais Brasileiras a UFRN e a UNILAB, podemos olhar para a mobilidade destes estudantes depois da sua formação. Boa parte destes estudantes acabam ficando no Brasil e outros países, pouco deles que realmente voltam para trabalhar na Guiné-Bissau. Durante a minha Licenciatura aqui na UNILAB, já tive o prazer de ler muitos trabalhos dos estudantes Guineenses que cá estudaram e discutiram de uma forma sólida esta questão. Mas até dias de hoje não se viu a que foi feito a respeito disso, pelo menos minimizar esta questão, parece que está crescendo a cada dia.

Temos muitos quadros formados no Brasil que trabalham no governo do Estado da Guiné-Bissau. Inclusive há um deles que já foi Ministro da Educação mais de uma vez, sem mencionar outros cargos que foram ocupados pelos formados no Brasil. Estou trazendo tudo isto para fazermos uma análise de quanto nosso país poderia beneficiar se

pelo menos 90% destes jovens voltassem para seu país. Ao contrário de tudo isso, parece que estamos regredindo. Desde a abertura da UNILAB até hoje, se paramos para pensar em números de estudantes Guineenses que terminaram seu estudo, de quantos voltaram, e de quantos ainda permanecem aqui. Alguns pretendem continuar a estudar, outros nem tanto, apenas querem continuar a viver aqui por opção ou por outras situações, como foi elencado nas entrevistas.

Portugal passou a ser um caminho procurado por estudantes Guineenses que terminam sua formação na Unilab. Situação que merece também ser estudada. Por que essa escolha? Outros procuram mestrado, alguns conseguiram e outros não, mas preferem continuar morar aqui, seja mesmo em Fortaleza, trabalhando enquanto *espera a sorte lhes bater na porta*. E, enquanto isso, uma pequena parcela dos estudantes Guineenses formados na UNILAB voltam a Guiné-Bissau. Estas são questões que finalizam este trabalho, mas que devem ser dada uma atenção contínua, pois dizem respeito as trajetórias individuais e a possibilidades desenvolvimento de um país, a Guiné-Bissau.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUGEL, Moema Parente. A nova literatura da Guiné- Bissau. Bissau: INEP, 1998. ColeçãoKebur.

BRASIL, Manual de Programa de Estudante Convênio de Pósgraduação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Divisão de Temas Educacionais (DCE) Departamento Cultural (DC) Ministério das Relações Exteriores Brasília, 2013.

BRASIL, Manual de Programa de Estudantes – Convênio de Graduação: PEC-G. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Superior, 2000.

BRASIL. MEC. Gabinete do Ministro. Educação como Ponte Estratégica Brasil – África. Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Brasília, DF, 2013.

CÁ, Cristina MandauOcuni. A trajetória dos quadros guineenses formados e em formação no Brasil na visão de estudantes e profissionais de 3º grau. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2009.

CABRAL, Amilcar; COMITINI, Carlos. A Arma da Teoria. Editora Codecri. Rio de Janeiro, 1980.

CÓ, Augusto Barnabé, Fuga de cérebros na África: Fuga de cérebros na África: uma investigação exploratória partindo da Guiné-Bissau. Universidade Internacional da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro, (UNILAB). Redenção, 2016.

DAHL, Robert A. Sobre a Democracia. Tradução de Beatriz Sidou. Brasília: Editora

FURTADO, Ribeiro Brito Alexandre. Administração e Gestão da Educação na Guiné-Bissau: Incoerências e Descontinuidades. Universidade de Aveiro Departamento de Ciências da Educação, 2005. Tese de Doutorado.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 202 p. ISBN: 8522422702.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **África e Brasil no mundo acadêmico**: diálogos cruzados. Trabalho inédito apresentado no colóquio Internacional Saber e Poder, grupo de pesquisa sobre Instituição Escolar e Organizações Familiares – FOCUS. FE/Unicamp, 20-22 de outubro de 2008.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez. 2010. 637páginas.

SUCUMA, Arnaldo. O Processo de Democratização na Defensoria Pública da Paraíba: um estudo desenvolvido na unidade de atendimento psicossocial. João Pessoa: Editora TETA, João Sebastião. Educação Superior em Angola. Disponível em: www.pucrs.br/edipucrs/cplp/educacaosuperior.htm. Acesso em: 07 de agosto de 2018. Universidade de Brasília, 2001. Universitária da UFPB, 2008.